

Reflexões surgidas ao longo do estágio supervisionado de educação musical no ambiente hospitalar: inclusão, escutas, humanização e aprendizagens musicais

Comunicação

Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres
EMCO/UFRGS
mariaceciliaartorres@yahoo.com.br

Cláudia Maria Freitas Leal
Escola Waldorf Querência/ Casa da Música POA
clamfleal@gmail.com

Resumo: Este relato de experiência apresenta etapas de um projeto de estágio supervisionado de educação musical em hospitais que culminou com a escrita de um livro, feito a várias mãos: professoras supervisoras do estágio, colegas convidados da área, ex-alunos que participaram do estágio, terapeuta educacional que foi a supervisora de um dos hospitais, em uma multiplicidade de vozes e narrativas. Ao longo de dez anos desenvolvemos este trabalho em dois hospitais na cidade de Porto Alegre, sendo desafiadas e em um processo contínuo de aprendizagens. Nosso referencial se concentra em documentos e autores da área da humanização hospitalar e educação musical, tais como Flusser, Joly, Michel, Miranda, Nascimento e Crepalde, dentre outros.

Palavras-chave: estágio supervisionado, humanização, ambiente hospitalar.

Introdução

O que nos motivou escrevermos este texto e socializarmos com colegas no GT de Educação Musical e Humanização da ABEM, foi a etapa de finalização da escrita do livro “Estágio Supervisionado no ambiente hospitalar: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música”, trabalho realizado a várias mãos e organizado por nós, Maria Cecília Torres, Cláudia Leal e pela colega Lúcia Teixeira. Um dos nossos objetivos neste texto é de compartilharmos e refletirmos sobre alguns tópicos que compuseram este projeto de estágio supervisionado ao longo de dez anos e, posteriormente, os aspectos que

nos trouxeram desafios, reflexões no momento da escrita dos capítulos coletivos, principalmente durante a pandemia, período no qual retomamos a escrita em reuniões online, a gravação de entrevistas e o desvelamento de outras temáticas imbricadas nas falas e nas memórias. Houve também neste período a inserção de novos capítulos e convites a colegas para contribuírem com suas experiências e conhecimentos. A reorganização e mudança de título, a ordem dos capítulos e sumário foram acontecendo e assim o livro foi criando corpo, vida e, ao mesmo tempo, impregnado de emoções, atravessado pelos fatos da vida cotidiana.

A partir da escrita do livro e da participação neste GT em 2021, quando apresentamos e debatemos com os colegas possibilidades de uma educação musical humanizadora, refletimos sobre o caráter humanizador deste estágio e, desta maneira, gostaríamos de revisitar e aprofundar os aspectos de humanização que permeiam cada capítulo do livro.

Apresentaremos uma síntese dos tópicos que constituem o livro.

Saúde Cultural (Flusser, 2013)

No prefácio e Introdução há a colaboração do Professor Victor Flusser que brindou os leitores com os seus valores a respeito da “saúde cultural” e seu trabalho no “Músicos do Elo”, grupo que tem entre seus objetivos promover “à saúde física, psicológica e social evocadas pela OMS[1] como as condições para uma boa qualidade de vida, eu [ele] acrescentaria a noção de saúde cultural para atingir nossa humanidade plena”. Introduz o livro afirmando ser ele como um passo importante para a “relação intersubjetiva” (Flusser, 2023), apontando a importância do reconhecimento das intersubjetividades como elementos significantes das ações de educação musical.



Na apresentação as autoras trazem fragmentos da história que foi constituindo este grupo e o projeto de estágio supervisionado, na qual destacam as vindas do Professor Victor Flusser à Porto Alegre e em uma delas ele proferiu a “Conferência no Centro Universitário Metodista IPA, e a realização de mais um curso intitulado “Músicos do Elo, um projeto internacional: humanizando hospitais, lares de idosos e abrigos sociais”. Lá estava o humanizando e a humanização presentes em pensamentos e ações! Neste sentido, ressaltam que:

A humanização é entendida como valor, na medida em que resgata o respeito à vida humana. Abrange circunstâncias sociais, éticas, educacionais e psíquicas presentes em todo relacionamento humano. Esse valor é definido em função de seu caráter complementar aos aspectos técnico-científicos que privilegiam a objetividade, a generalidade, a causalidade e a especialização do saber (BRASIL, 2001, p. 52).

Início em 2007

No primeiro capítulo Leal (2023), localiza a origem da proposta da realização de um estágio supervisionado em educação musical a partir das políticas públicas de humanização hospitalar motivada pela criação do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH, 2001), substituído posteriormente pelo Humaniza SUS. Para Deslandes (2004), o “programa destaca a importância da conjugação do binômio *tecnologia e fator humano e de relacionamento*” (DESLANDES, 2004, p.10). No mesmo capítulo, revisa algumas experiências de inserção de práticas culturais no contexto dos hospitais brasileiros por parte de músicos profissionais e estudantes de música, reunidos em instituições acadêmicas e de saúde. Além disso, apresenta uma revisão da literatura sobre o trabalho de música nos hospitais brasileiros e da Europa e explica como este projeto se constituiu dentro do livro.

Humanização nos hospitais

Teixeira, no capítulo 2, apresenta alguns fundamentos relacionados com a PNHAH a partir das reflexões de autores que destacam que “os hospitais têm procurado, através do processo de humanização, proporcionar um ambiente de conforto e bem-estar durante a permanência do paciente no local, minimizando o impacto gerado pelo ambiente hospitalar”

(NASCIMENTO; CREPALDE, 2015). Ressalta ainda que “nesse sentido humanizador é que a música pode ser empregada como instrumento, o que abre um campo de atuação profissional promissor para músicos, sejam educadores musicais ou musicoterapeutas” (TEIXEIRA, 2023, p. 41).

Ainda em relação ao contexto do hospital e os aspectos humanos a autora prossegue em suas ponderações sobre este estágio de música, enfatizando que “a educação musical precisa ser entendida em sua dimensão mais abrangente, qual seja, a do encontro humano por meio da prática musical” e finaliza destacando que

se considerarmos os internados como indivíduos afastados de suas realidades sociais, então enfermeiros, terapeutas, médicos e educadores musicais tornam-se, juntamente com a família e/ou seus acompanhantes, as únicas pessoas com as quais os pacientes estabelecem relações interpessoais (TEIXEIRA, 2023, p.52).

Uma trajetória

Já no capítulo 3, as narrativas de Barreto (2023) nos contam sobre sua trajetória de formação musical e cruzamento com a formação em educação musical que se deu no contexto do curso de licenciatura do IPA e no qual estagiou como regente do Coro de Hospital. Foi realizada uma entrevista online, por meio da plataforma Google Meet com Jaqueline Barreto que nos relatou sua história, mesclando elementos pessoais e profissionais. Essa entrevista nos trouxe uma riqueza de elementos e a sua percepção e reflexão sobre as questões de humanização que constituíram as diferentes práticas musicais e pedagógicas vivenciadas como estagiária e educadora musical no hospital. É o que nos chama atenção quando cita “no que concerne à humanização, Marc Michel nos ensina que a interação proporcionada pela música no hospital humaniza no instante em que favorece “a chegada de um outro numa interação comum” (MICHEL, 2005, p. 9).

Primeiras escritas

Ao longo do capítulo 4, Torres faz reflexões acerca de temas que estavam mesclados com as práticas musicais no hospital ao longo dos estágios, estando assim em “consonância com as diversas temáticas e com os títulos que emergiram nos RCCs dos estagiários” (Torres,



2023, p. 93). Destaca também que eram “termos como humanização, interação, socialização, cotidiano hospitalar e emoções” que foram se amalgamando com os planejamentos, práticas e regências no ambiente do hospital. Em sintonia com estas reflexões, Miranda (2016) argumenta sobre a importância desse trabalho de educação musical no contexto hospitalar e pontua que:

O Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH) (BRASIL, 2001), do Ministério da Saúde tem desencadeado processos de humanização em hospitais brasileiros promovendo a integração das áreas de Arte, Saúde e Educação, iniciativa que tem sido utilizada no cotidiano hospitalar como ferramenta na construção de ações mais humanizadas (MIRANDA, 2016, p.3)-

Repertórios

No capítulo 5, Leal, Silva e Torres, abordam questões do repertório dos estágios e os questionamentos que permeavam as reuniões com os estagiários, tais como: “Quais músicas escolher para cantar e tocar? Como será o gosto musical dos pacientes e familiares com os quais vou interagir? Quais serão as trilhas sonoras para cada dia ou momento de trabalho no hospital?” Finalizam o capítulo comentando sobre as múltiplas “trilhas sonoras ou *playlists*” que compuseram as práticas musicais, repletas de “significados e funções, que adentram os espaços hospitalares, em uma mescla de sonoridades, estilos musicais e volumes que mudam e se modificam de acordo com cada momento e cada paciente, familiar, acompanhante ou funcionário do hospital” (LEAL, SILVA, TORRES, 2023, p. 117). Comentam que podiam perceber pelo movimento das portas dos quartos, os momentos em que estavam abertas, fechadas ou até entreabertas ou quando havia um aviso na porta do quarto lembrando que naquele momento determinado paciente não poderia receber visitas.

Entre pedidos de músicas que faziam e que pegavam o grupo de surpresa, por não saberem cantar ou tocar as músicas pedidas havia o exercício constante de buscar o tom e ou de improvisar, de aprender a letra para cantar, de trabalhar com diferentes estilos musicais, foram vivendo “uma experiência musical[...]como um caleidoscópio que giramos e vai mostrando sua paleta de cores, sempre em movimento e com novas formas” (LEAL, SILVA, TORRES, 2023, p. 117).

Escutas

Envolvidas com as múltiplas escutas no ambiente hospitalar, Torres, Leal e Teixeira enfatizam no capítulo 6 que:

No estágio no espaço hospitalar, a audição/escuta é uma das principais aprendizagens que exercitamos e ampliamos a cada dia, no sentido de trabalharmos com a escuta sensível, não só dos pacientes, familiares e funcionários, mas também a escuta como uma ação constante: escutar inclusive os silêncios, os gestos, os movimentos, os sussurros, os sons (TORRES, LEAL, TEIXEIRA, 2023, p. 121).

Dentre tantos momentos vividos, as autoras relembram cenas da Unidade de Cuidados Especiais (UCE) em que os discentes andavam pelo corredores e escolhiam algumas músicas para começarem a tocar e cantar, o que, “na maioria das vezes, não havia nenhuma reação física ou verbal por parte dos pacientes quanto a cantar ou falar”. Conforme os estagiários se movimentavam passando pelas portas abertas, a música ia perpassando pelos vãos e “adentrando os quartos”, observaram o que chamaram de um “fenômeno único”, pois os pés do pacientes começavam a se mover sob as cobertas, em movimentos que acompanhavam as músicas. Eram momentos de muita emoção e alegria poder perceber a participação dos pacientes “com essa escuta difusa e corporal” (TORRES, LEAL, TEIXEIRA, 2023, p. 122) . Essas cenas ficaram registradas nas memórias e convidaram a refletir sobre os modos de escutar música. Neste sentido, as autoras compartilham o pensamento de Tovar e Shifres que ressaltam:

É possível conceber então uma audição musical centrada no outro, como uma capacidade através da qual podemos experimentar o que o outro está experimentando, sendo o outro o foco da orientação própria e possibilitando a imitação, a empatia, a simpatia, o contágio emocional e a identificação (TOVAR; SHIFRES, 2015, p. 51).

Ao finalizar este capítulo, comentam sobre esse “novo cotidiano”, composto por “diferentes rotinas impostas pelo contexto hospitalar” e onde a escuta capta ruídos, atravessa os diferentes contextos podendo ganhar novo sentido e mesclar-se com as músicas tocadas e cantadas, em um movimento de ressignificação das melodias, mesmo que já conhecidas, “tanto por aqueles que as propõem, quanto por quem as escuta” (TORRES, LEAL, TEIXEIRA, 2023, p. 131).

Terapeuta ocupacional e músicos de apoio

Os autores do capítulo 7 nos trazem as experiências de uma Terapeuta Ocupacional que era a supervisora institucional de um Hospital de Adultos e dois músicos de apoio que foram estagiários neste projeto e chamados para atuarem como músicos no hospital. Na perspectiva da Terapeuta Ocupacional, que buscou no Curso de Licenciatura em Música do IPA a possibilidade de realizar o estágio no hospital, “trazia a abordagem musical amparada pelos referenciais da educação, da construção do saber, a partir da interação e da reflexão, da utilização da música como elemento social e cultural e da capacidade de produção científica sobre este contexto” (ARIOLI, SOUZA e SANTOS, 2023, p.135). Para os autores,

as pessoas hospitalizadas lidam não só com as limitações impostas pela doença, mas também com aquelas impostas pelo ambiente hospitalar, e que estão relacionadas a uma perda temporária ou permanente da autonomia nas atividades de autocuidado, trabalho, lazer, de participação social e familiar (ARIOLI, SOUZA, SANTOS, 2023, p.134).

Além disso, nos relatam sobre a “invasão cultural”. A “invasão cultural” ocorria a cada início de semestre no Hospital Mãe de Deus, quando os alunos do Curso de Licenciatura, não somente os que fariam o estágio, eram convidados a participar de uma ação de música no hospital, invadindo os corredores com música e cantoria.

Vozes dos estagiários

O Capítulo 8, nos traz relatos e reflexões de dois estagiários, obtidos por entrevista on-line realizada pelas organizadoras do livro durante a pandemia do COVID19. Neste capítulo percebemos os desafios e as belezas enfrentadas pelo grupo de estagiários,



orientadores e funcionários do hospital, em construir uma metodologia de interação no espaço hospitalar com o pensamento na educação musical e nas falas destes estagiários quando vivenciam o que poderia ser visto como uma dispersão do campo da educação musical.

Tanto Márcio quanto Juliana, trouxeram importantes questões durante a entrevista, [...] relativas às características do estágio no hospital que, inevitavelmente, provocaram-lhes pertinentes reflexões sobre o lugar da educação musical naquele ambiente voltado à recuperação da saúde. Apontaram a flexibilidade como aprendizagem fundamental para a atuação em contextos onde o foco principal não é o ensinar e aprender música e revelaram quais aprendizagens foram adaptadas a outros espaços de cuidados com a saúde onde atualmente trabalham com música (STAVIZKI,REGGIORE, et al, 2023, p. 167).

Os estagiários refletem sobre as competências da área da educação musical em suas práticas coletivas e na seleção de repertório.

Eu fiz aquele estágio no hospital com colegas que vieram comigo ao longo de todo o curso, praticamente, e a gente dividia as mesmas disciplinas, as mesmas cadeiras, e então era muito fácil o entendimento e também a organização de repertório, do que vai se fazer; e quando a coisa não estava funcionando muito bem, a gente já se olhava e já trocava, sabe? (Márcio, 2023, p. 156).

Em relação ao planejamento Juliana afirma que:

Quando a gente vem de sala de aula a gente vem com uma preparação, né, vem com um plano de aula; mesmo que ele seja flexível, a gente tem mais ou menos algo estruturado, que a gente planeja para aquele momento, para aquela aula; no hospital não tem isso. No hospital é se preparar para o imprevisível. [...] A gente peca, às vezes, de querer ter um planejamento e ficar engessado naquele planejamento ao invés de observar o momento, o instante [...]. Às vezes o aluno está precisando de alguma coisa totalmente diferente do que a gente planejou; então essa empatia... o hospital traz muito essa questão de observar a necessidade de outra pessoa e deixar de lado as expectativas e o ego da gente como educador, sabe? É mais... acho que a questão do improviso, né, de tirar cartas da manga e ser flexível [...]. (Juliana, 2023, p.159)



No que se refere às questões de humanização, as organizadoras destacam o artigo de Marc Michel intitulado “Para uma teoria da música no hospital”. O autor chama atenção dos leitores para a função da música para o paciente e sua relação com as interações sociais dentro do contexto hospitalar, ressaltando que “O mundo vem a si como oferta de calor e proximidade, como convite à troca e à partilha. [A experiência com a música] favorece a posição do paciente enquanto sujeito” (MICHEL, 2005, p. 10).

“E ali logo em frente, a esperar pela gente o futuro está”

No capítulo 9, as autoras foram tecendo a escrita coletiva das reflexões finais, assim como abriram a escrita deste livro, onde elas enfatizam que entrelaçam suas vivências/experiências como professoras supervisoras deste estágio, educadoras musicais e em outros momentos coordenadoras do curso de Licenciatura em Música, “ao longo dos dez anos de vida deste projeto”. Elas também lembram que “O desejo de escrevermos este livro foi sendo pensado, discutido e, ao longo de mais de cinco anos em que fomos esboçando essa ideia, reunindo os escritos, juntando pedacinhos de memórias, recolhendo fotos, fazendo reuniões presenciais e virtuais e escrevendo histórias”. (TORRES, LEAL, TEIXEIRA, 2023, p.170-171). Encerram suas reflexões pontuando que ao longo destes anos também tiveram

a oportunidade de acompanhar as parcerias estabelecidas com os espaços hospitalares e os desafios que surgiam e que nos moviam sempre na direção de acreditarmos e percebermos o potencial e as especificidades de cada estagiário para atuar nos espaços não delimitados dos hospitais” (TORRES, LEAL, TEIXEIRA, 2023, p. 170).

“Agora nos resta pedir “Silêncio” vamos escutar essa música - Joly (2023)

No Posfácio, Joly, com suas palavras e reflexões, mostra uma leitura/escuta sensível e profunda dos capítulos, cenas, movimentos, vozes e sonoridades que foram constituindo esse estágio de educação musical no ambiente hospitalar. A autora destaca que as docentes organizadoras do livro, quando iniciaram este projeto em 2007, foram buscar hospitais parceiros que pudessem acolher os discentes, e, desta maneira, “cuidaram com cuidado e



amorosidade dos estudantes estagiários que se defrontaram com a rotina de espaços de cuidados com a saúde e encontraram lá as fragilidades humanas, as tristezas e muitas vezes a finitude da vida” (JOLY, 2023, p.175). Ela encerra seu Posfácio destacando que “Agora nos resta pedir “Silêncio” vamos escutar essa música e deixar com que ela nos toque no mais sensível e nos estimule a compartilhar também nossa música nos espaços menos privilegiados da nossa comunidade” (JOLY, 2023, p.178).

Reflexões Provisórias

Nessas reflexões provisórias sobre a nossa escrita do livro fomos elencando temas que não só estão imbricados nos capítulos, mas que também perpassaram nossas reuniões de organização, se entrelaçaram com as conversas dos estagiários antes e após as práticas e, desta maneira, nos impulsionaram a organizar este relato de experiência no sentido de revisitarmos e aprofundarmos as discussões e de dialogarmos com os colegas da área.

Destacamos que foram muitos os desafios ao longo dos anos de estágios, mas repletos de aprendizagens no ambiente hospitalar, onde se mesclavam questões do repertório para este ambiente, os planejamentos de estágios, entremeados pelo fazer e pela improvisação musical. Relembramos várias questões que foram fundamentais para o nascimento deste projeto, tais como o próprio contexto do Curso de Licenciatura em Música do IPA, fundado em 2005 e sem prova específica para ingresso, já em sintonia com as políticas afirmativas por meio das cotas e dentro de uma Instituição de Ensino Superior que desenvolvia vários projetos de extensão de caráter humanizador amalgamados na prática cotidiana das atividades de ensino /pesquisa e extensão.

Era um projeto novo de estágio supervisionado em hospital e não tínhamos outros cursos no Brasil, naquela época, realizando projetos de estágio semelhantes ao nosso com os quais pudéssemos dialogar.

Além disso, entendemos a importância em adequar a formação dos discentes afinada aos preceitos das políticas públicas de inclusão que à época eram novas e desafiadoras. A Instituição nos oferecia a possibilidade de realizar parcerias em novos espaços que poderiam significar um implemento técnico e musical para atuação profissional dos nossos discentes. Aconteciam os projetos no presídio feminino, creches, e em projetos comunitários com

crianças, jovens e mulheres sem acesso à formação musical. Neste contexto institucional abriu-se a possibilidade de realizarmos uma parceria com um hospital público infantil que foi ao encontro do perfil de alunos oriundos de projetos sociais, escolas de samba, igrejas. Esses discentes tinham em seu cotidiano a prática musical em conjunto e vivências de diferentes realidades sociais. Era formado por músicos atuantes na cidade e músicos advindos de diferentes contextos de formação musical. Ao mesmo tempo eram estudantes que, em grupo, cantavam, improvisavam, tiravam músicas de ouvido, criavam músicas para diferentes situações e o hospital foi um campo de ação musical privilegiado para estas características. Foram quase 100 discentes, ao longo de dez anos, com turmas semestrais. Alguns destes participaram da escrita deste livro, outros seguiram trabalhando nestes espaços com idosos e crianças hospitalizadas no Brasil e no exterior, outros decidiram por iniciar uma formação em musicoterapia e vários seguiram sua formação acadêmica em especialização, mestrado e doutorado.

Não podemos deixar de compartilhar os desafios quanto à formalização dos planejamentos de estágio. Como era um espaço em que não havia o período de observação como há na Escola, em que o aluno realiza o planejamento a partir da observação, no hospital fazíamos leituras e reuniões de orientação para discussão dos temas e encaminhamentos dos documentos de saúde. Sempre foi motivo de questionamentos, tanto com os estudantes como nas próprias bancas finais: qual seria o modelo de planejamento para este estágio?

O estágio foi sendo construído a cada semestre, incorporando as experiências das turmas anteriores e estimulando novas alternativas. Um trabalho em movimento. A cada semestre havia um novo grupo de estagiários e a cada dia novos pacientes.

Referências

ARIOLI, Cristina et. al. “Silêncio: você está em um ambiente hospitalar.” in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música**. Porto Alegre: www.editoraFi.org (no prelo) 2023.

BARRETO, Jaqueline et.al. Estágio supervisionado no hospital como parte de uma trajetória formativa de aprendizagem pessoal, acadêmica e profissional. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL,

Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editoraFi.org (no prelo) 2023.

BRASIL, Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH). Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde. – Brasília, 2001.

DESLANDES, S. F. Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 9(1):7-14, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csc/v9n1/19819.pdf>> Acesso em 12 set.2016.

FLUSSER, Victor. **Músicos do Elo**: músicos atuantes humanizando hospitais. São Paulo: AnnaBlume, 2013.

FLUSSER, Victor. Prefácio. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editoraFi.org (no prelo) 2023.

JOLY, ILza Zenker. Posfácio. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editoraFi.org (no prelo) 2023

LEAL, Cláudia Maria, TORRES, Maria Cecília; TEIXEIRA, Lúcia Helena. **Escutas no Ambiente Hospitalar**: cenas de um estágio supervisionado em um Curso de Licenciatura em Música. Anais do XXV Congresso Nacional da ABEM, 2021.

LEAL, Cláudia Maria. Educação musical em hospitais: das políticas públicas ao estágio supervisionado em um curso de licenciatura. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editoraFi.org (no prelo) 2023.

MIRANDA, Paulo César. **A Vivência da música na humanização hospitalar**: O ambiente sonoro enquanto atividade relacional. *Anais*: II Jornada Acadêmica Discente – PPGMUS ECA/USP, 2016.

MICHEL, Marc. Para uma teoria da música no hospital. In: **Ponto de Vista**, setembro 2005, n. 1.



NASCIMENTO, Camila Aparecida Alves; CREPALDE, Neylson João Batista Filho. A música como recurso nos processos de humanização hospitalar. **Revista Formação Docente**, vol. 7, n. 1, p. 24-35, jan./jun. 2015.

STAVISKI, Juliana et. Al. Trajetórias formativas entrelaçando o ensino de música e a saúde. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editorafi.org (no prelo) 2023.

TEIXEIRA, Lúcia Helena. Estágio supervisionado em duas instituições hospitalares: implicações do contexto para a atuação do educador musical. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editorafi.org (no prelo) 2023.

TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues; LEAL, Cláudia Maria Freitas. Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens. **Revista da Fundarte**, ano 13, n. 26, julho/dezembro 2013.

TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editorafi.org (no prelo) 2023.

TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena. “É essa escuta que a gente quer na vida”. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editorafi.org (no prelo) 2023.

TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues. Música nos corredores, repertório e oficinas temáticas: fragmentos de práticas musicais no espaço hospitalar. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editorafi.org (no prelo) 2023.

TOVAR, Pilar; SHIFRES, Favio. Escuchar música al sur del río bravo: desarrollo y formación del oído musical desde una perspectiva latinoamericana. **Revista Calle 14**, Volumen 10, Número 15, Enero - abril de 2015.

